

CAÇADAS

Só hoje, na minha grande inocência, tomei conhecimento do que o ministro Horácio Láfer andou tramando na reunião a portas fechadas que teve, há tempo, com os principais banqueiros desta praça. Tenho fama de desconfiado; e é bem verdade que quando vejo esses importantes senhores se juntarem, fico — e ficam todos os homens humildes — ligeiramente inquieto.

Pode ser que outros assuntos igualmente graves tenham sido tratados nessa tórva reunião; mas o principal, de meu ponto-de-vista, foi a cruzada, que o ministro lançou, sob o lema: "vamos caçar papagalos". Aviso: o Banco do Brasil não redevontará mais "papagalos"; e recomenda aos senhores banqueiros particulares que refuguem com energia as inocentes avezinhas quando se aproximarem de seus "guichets". Entende o ministro que só deve haver crédito para industrial, lavrador, comerciante, gente que produz ou movimentam mercadorias. Toma este dinheiro para plantar batatas; se não me pagares, tomarei tuas batatas; plante batatas; o Brasil precisa de batatas. O resto é inflação.

Em resumo, o que pretende o senhor ministro é mais ou menos isto: só emprestar dinheiro a quem tem. A imensa massa não possuidora da população, em cujo seio se inscreve o Braga, não terá mais crédito — porque não tem dinheiro. Não somos o que se chama classes produtoras; isto é, não produzimos nada. Apenas trabalhamos.

Eu por mim tenho produzido apenas, ao longo de minha vida, alguns quilômetros de crônicas. Não posso empenhar nem hipotecar as crônicas a serem produzidas na próxima safra. As pessoas como eu sempre viram no "papagaio" a ave da esperança. De "papagaio" em "papagaio" vamos indo; esta avezita voa, recolhe-se aquela, e assim, bem ou mal, a gente vai sobrevivendo no Brasil, país do futuro. Não creio que a nação perca muito com isso: o Estado cobra selos, o banco recebe os juros e o pobre fica aliviado durante algum tempo.

O sr. Vargas prometeu que seu governo ia fisgar tubarões. Mas no lugar do fuzil submarino o que estamos vendo é o governo, de "Flaubert" na mão, querendo matar o "papagaio" do pobre.

ad. 5.52

R. B.